

BREVES CONSIDERAÇÕES ENTRE ROMANTISMO E IDEALISMO ALEMÃO: HERDER, FICHTE, SCHELLING

Ângelo Estevam Polidoro *

Resumo: O presente artigo busca elucidar brevemente a filosofia pós-kantiana e a vinculação de três autores do romantismo e idealismo alemão. Primeiramente esboçar-se-á a concepção de natureza e história em Herder. Tal perspectiva pode ser considerada um modo totalmente novo no campo filosófico. Em um segundo momento mostrar-se-á a influência e o contato da filosofia de Fichte para com o romantismo por meio de sua concepção de eu absoluto criativo. Por fim, elucidar-se-á a perspectiva de Schelling com sua fundamentação filosófica artística de eu e de Absoluto. Schelling acredita na união do espírito e da natureza por meio da livre criação do gênio humano. Tal criação é a afirmação e cristalização do absoluto na natureza e espiritualização da natureza no Absoluto. O autor acredita ser isso possível por meio da arte.

Palavras -chave: Herder. Fichte. Schelling. Romantismo. Idealismo.

A filosofia pós-kantiana é marcada pela dicotomia deixada pelo próprio Kant, a saber, que não podemos conhecer a fundo as coisas e sim somente os fenômenos, isto é, o conhecimento nunca alcança a coisa-em-si. Porém todos os filósofos buscam a unidade total da realidade, portanto, a filosofia do Idealismo, posterior a Kant, que se vincula ao Romantismo, terá esse objetivo em vista, isto é, eliminar a diferença entre a ‘coisa’ e o ‘espírito’. Os maiores expoentes do Idealismo são: Fichte com sua filosofia caracterizada pelo idealismo subjetivo marcado estritamente pela filosofia kantiana; Schelling, fundamentando o idealismo subjetivo/objetivo; e Hegel com o idealismo absoluto. O que tais filósofos, que marcaram a história da filosofia propriamente dita, têm em comum são as influências do pensamento romântico de autores como Herder, Goethe, Novalis, Schlegel, Schiller, dentre outros.

* Graduado em filosofia pela FAPAS – Faculdade Palotina de Santa Maria. Mestrando pelo PPG – Filosofia pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: angelopolidoro@hotmail.com

Kant, na história da filosofia, representa o centro do pensamento moderno, pois dele dependem o fenomenismo absoluto racionalista e empírico, bem como o Idealismo Clássico alemão que tem como ponto central a criatividade do sujeito, isto é, a autonomia do espírito.

Além de Kant, a outra fonte essencial do idealismo alemão é Spinoza. Este filósofo é arrancado do desprezo e do esquecimento em que jazia, e o seu pensamento encaminha decisivamente o idealismo para a trilha do monismo imanentista, para o qual já fora orientado por Kant. Todos os filósofos idealistas (Fichte, Schelling, Schleiermacher, Hegel, Schopenhauer) dependem, mais ou menos, de Spinoza, bem como dele dependem artistas, literatos, poetas, com Goethe à frente (BORGES FILHO, 20--, p. 02).

Portanto, em paralelo ao Idealismo, e nem por isso com menos força de expressão, podemos ver o Romantismo, movimento artístico e literário, desenvolver seu foco de ação também no conceito de criatividade e liberdade de espírito. Temos mais concisamente e com maior expressão os autores românticos Schlegel, Novalis, Schelling e Schleiermacher, este último vinculado a tradição historicista hermenêutica. Tais autores reforçam o valor da tradição, a valorização da nacionalidade e da religião. Deste modo, a filosofia do idealismo, com cunho mais científico/matemático e natural/espiritual, e, o romantismo com cunho poético/artístico/literário¹, consolidam-se em torno das perspectivas de intuição, reflexão, natureza e arte.

A intuição é o ponto de partida, ou seja, o reconhecimento de si a partir da autoconsciência. A intuição é a capacidade do eu de pôr os objetos e a si mesmo por meio de sua própria atividade. Tal perspectiva imediata por meio da intuição também vai marcar os autores românticos, pois para os pensadores idealistas, bem como para os românticos, a autoconsciência intuitiva é a verdade mais elevada acerca do mundo e de si. Tal valorização

¹ Em uma longa definição argumenta Hartmann em relação ao Romantismo: “el romanticismo es una postura vital de índole propia, y en eso reside la imposibilidad de determinar conceptualmente su esencia. Pero está lejos de agotarse en esta tendencia emocional. Conoce bien la vacilación que existe en la conciencia de lo incomprendible, pero esto es sólo una manifestación de la debilidad del individuo, la impotencia y la conciencia ante la magnitud de la tarea que se cierne ante él. Por detrás de todos los valores sentimentales, tal como la poesía romántica nos la comunica, se hace patente algo sustancial, es decir, un nuevo sentido y contenido de la vida e inclusive una vida misma en un nuevo sentido. Oculta de algún modo en la profundidad del ser propio e inmediatamente intuible en él, se le presenta al romanticismo la solución del eterno enigma del mundo. Este es el punto alrededor del cual el romántico todo gira, es la raíz del ser, y también la raíz de todo lo valioso. Frente al mundo interior del corazón humano la naturaleza exterior no permanece extraña. Un nuevo sentido de verdad se manifiesta en el reconocimiento anhelante del ser propio en las formas de la variedad cósmica. Un nuevo sentido hacia lo bello y una nueva tarea del arte se enciende en una ironía y un escamoteo; es decir, la enajenación de la mirada humana en esta finitud es autodesconocimiento o engaño de sí mismo. Lo infinito no se encuentra más allá de lo finito sino en medio de él, en muy inmediata cercanía, aunque siempre sea inaprensible. La acción del artista consiste en hacer aparecer luminoso lo infinito en lo finito. Su acción es la verita mágica que despierta el espíritu oculto” (HARTMANN, 1960, p. 248-249).

se dá pelo caráter imediato da intuição. Imediatez que ultrapassará a intuição intelectual desenvolvida por Fichte e abarcará o sentimento, deixando de ser intelectual/formal somente.

O que queremos evidenciar neste breve artigo é a influência do ‘Círculo Romântico’ na filosofia idealista, sobretudo na filosofia idealista estética de Schelling. Para tanto buscaremos analisar a concepção de pensamento de Fichte e Herder remetendo a discussão para a relação existente entre a filosofia fichtiana com os românticos e como Schelling, de certa forma, sintetiza e cria, a partir de si, uma nova constituição de filosofia, ou seja, filosofia da arte, que para ele é a potência mais elevada do espírito, pois leva em conta a natureza espiritualizada e o aspecto produtivo do sujeito como ser livre e criador. O que queremos evidenciar, com tal perspectiva, é que com tal inauguração de pensamento Schelling arranca a filosofia de um círculo estrito pautado na matematização e enreda a discussão filosófica no espírito que, por sua vez, é natureza e razão, mas também sentimento imediato do Absoluto.

São bastante variáveis as definições da origem do Romantismo. Apeguemos-nos no estudo de Safranski que diz ser Herder o iniciador do romantismo, sobretudo em suas viagens de navio onde medita sobre a filosofia e chega a definição de que tudo é história. Tal concepção muda o foco e abre o campo de raciocínio nos intelectuais da época. Segundo Herder tudo é história, tanto as coisas relativas ao homem quanto à natureza. É realmente uma posição nova dentro do campo filosófico, pois inclui a figura do divino dentro da natureza como processo de desenvolvimento nas figuras naturais. A natureza passa a ser vista como potência criadora e o homem, por sua inteligência e pela capacidade de linguagem, toma parte de tal potência criativa natural.

Com esse pensamento, Herder é iniciador da antropologia moderna – como o homem como um ser defeituoso criador de cultura. Para ele, a história da cultura da humanidade faz parte da história da natureza, mas de uma história da natureza em que a força desta – que até então agia inconscientemente – chega ao fundo de si mesma na força humana e na sua força criativa intencional. A transformação do homem através de si próprio e a construção da cultura como atmosfera de vida são denominadas por ele como *estímulo da humanidade*. A humanidade não se encontra em oposição à natureza; em relação ao homem ela é a verdadeira realização da sua natureza (SAFRANSKI, 2010, p. 26).

Com isso, chegamos ao que Herder classifica como a criação que transforma, ou a transformação do homem a partir de si mesmo que reflete na cultura ou estímulo da humanidade. Resta ao homem, em consonância com a natureza, realizar o trabalho de autoformação de acordo com os parâmetros que o homem se autoimpõe. Tendo em vista que

o processo histórico não é um mecanismo sem alma, sem espírito, cego, mas uma organização que pode ser definida e concebida espiritualmente².

A perspectiva filosófica iniciada por Herder se caracteriza como um individualismo. Individualismo que leva em conta a intersubjetividade, a história como processo dinâmico e aberto e a natureza, vista como espírito consciente. Desta forma, o personalismo, que marca a filosofia de Herder e de todos os ‘idealistas românticos’ ou ‘não-românticos’, é de que o indivíduo deve experimentar todas as forças advindas de fora como vida criativa em si mesmo. A partir de Herder, e de sua concepção de história dinâmica, tornou-se comum ver as coisas num contexto histórico, ou seja, a relativização da interpretação ontológica a partir da história.

A pessoa que se desenvolve em um indivíduo é e permanece o centro significativo, mesmo quando ela – o que não se pode negar – sempre precisa de uma comunidade. Esta, porém, deve, segundo Herder, estar organizada de modo que cada um possa fazer desabrochar sua semente individual. A comunidade é uma união para ajuda mútua nesse desenvolvimento. Por isso, tal união não resulta apenas numa soma; ela forma um espírito especial através da atuação comum. Este nasce da união e dá à pessoa um ar espiritual (SAFRANSKI, 2010, p. 30).

Podemos notar um resgate, uma retomada da concepção Grega Clássica de comunidade, ou seja, indivíduo e todo se identificam formando, assim, o sentido unitário da *polis*, onde, todas as individualidades têm as condições para se desenvolverem espiritualmente como pessoas.

Goethe, poeta alemão, foi um dos que firmaram a ‘confraria do Romantismo’ e do culto ao gênio na Alemanha. Uma vez que foi o grande promotor de reuniões de eruditos em suas dependências antes de sua mudança para Weimar. Pode-se dizer que Goethe foi o elo entre a poesia e a arte com a filosofia idealista, principalmente no que concerne na relação com Fichte. Para Goethe, Fichte é o verdadeiro filósofo da arte, pois apostara na força criativa do homem. Fichte, com sua Doutrina-da-ciência, trouxe à luz o processo criativo da criação do mundo a partir do sujeito. Não somente no âmbito da arte, mas da política, uma vez que defendia um estadismo e era contra a Revolução Francesa Iluminista. Nas perspectivas fichtianas nós podemos encontrar, por exemplo, nas preleções de Jena, intitulado *Conferências sobre a vocação do sábio*. Tal opção política, que vai contra os ideais de Rousseau, por exemplo, agrada o poeta (Goethe), visto que sua desilusão com relação a

²Palavras de Kant sobre o conceito de razão de seu amigo Herder: “mas por gentileza na linguagem dos homens... pois eu, pobre filho da terra, não estou estruturado para a linguagem divina da razão contemplativa. Aquilo que se soletra para mim em conceitos comuns segundo regras lógicas, isso eu ainda alcanço” (SAFRANSKI, 2010, p. 24).

Herder foi justamente essa, isto é, considerá-lo um jacobino. Segundo Safranski, foi através da influência da filosofia de Fichte que Goethe expressa sua máxima ‘é o objeto ou é você que se expressa aqui?’.

Quem não for tocado inteiramente pela doutrina idealista não há de entender e nem ser modificado pela mesma. Fichte, assim como os românticos, acredita no gênio individual da pura atividade criadora humana. Tal perspectiva é a radicalização da liberdade kantiana³. O sujeito deve se pensar como um ‘eu vivo’ e não como uma coisa qualquer. Como um eu ativo, transformador e criador do mundo. Na filosofia de Fichte isso quer dizer notoriamente: o eu não pode, por sua natureza, perder-se na objetividade, isto é, no não eu.

Kant partira, ensina Fichte, do ‘eu penso’ como algo dado; isso não se deveria fazer, mas sim observar o que acontece em nós quando pensamos ‘eu penso’. O eu é algo que intuimos apenas através do pensamento, e ao mesmo tempo a força que faz surgir as coisas é a identidade em nós mesmos, que fica além do pensamento. O eu pensante e o eu pensado movimentam-se realmente num círculo, mas tudo depende de se entender que para Fichte trata-se de um círculo ativo, produtivo. Não se trata do eu se fundamentar através da contemplação, mas de que ele se produza a si mesmo na reflexão, que por sua vez é uma atividade; ele se estabelece. Isso que dizer que esse eu não é um fato, uma coisa, mas um acontecimento (SAFRANSKI, 2010, p. 71).

O sentimento do eu penso, intuído, é o fenômeno que acompanha a ação. Assim interpreta Novalis a filosofia de Fichte: *‘aquilo que é dado ao sentimento me parece ser a causa e o efeito da ação primária’*.

Mesmo sabendo a influência de Fichte na filosofia de Schelling, não podemos afirmar que os dois tenham comungado sempre dos mesmos pressupostos, apesar de serem bem próximos. Schelling com o passar dos anos foi mudando seus pensamentos e caracterizando sua filosofia de variadas formas, as quais se destacam a filosofia da identidade ou do eu, da natureza e filosofia da arte. Esta última como potência suprema do saber imediato, do Absoluto, pois no ato artístico o ser humano toma parte na criação do mundo a partir de si.

Schelling considera a perspectiva intuitiva desenvolvida por Fichte como caráter imediato de percepção e do conhecimento da realidade, características tão marcantes presente também no Romantismo. Desta forma, Schelling começa sua filosofia pela intuição efetivamente reveladora, isto é, a intuição de si ou autoconsciência. A filosofia idealista de Schelling se desenvolve nos conceitos de: espírito, sujeito, eu, como princípios fundamentais

³“Fichte radicaliza o conceito de liberdade de Kant. Naquela versão da *doutrina da ciência* que ele apresenta pela primeira vez em Jena e que lá faz escola, retira da frase de Kant – *‘que ‘eu penso’ tem de poder acompanhar todas as minhas ideias’* – o conceito de um eu onipotente que experimenta o mundo como uma resistência preguiçosa ou como possível material de suas *ações*. Ele se apresenta como apóstolo do eu vivo” (SAFRANSKI, 2010, p. 69).

da realidade. Admite, ainda, a natureza como uma produção necessária do espírito, porém não uma existência puramente relativa ao espírito. Para Schelling, a natureza tem uma existência autônoma com respeito ao sujeito, ou seja, à consciência. Desta forma, caracteriza a natureza como forma obscura do espírito assim como o espírito é a forma clara da natureza. Portanto o princípio de toda a realidade, para Schelling, será a natureza e o espírito, anteriores ao eu como afirmara Fichte.

A natureza, vemos aqui pontos coincidentes com Herder, é espiritualidade latente que se ratifica na racionalidade imanente presente na própria natureza. Com isso começa o desenvolvimento do ser humano como progresso feito como continuação da natureza.

A unidade ou a identidade da natureza e do espírito se dá por meio da intuição estética, expressa na obra de arte. Obra de arte, para Schelling, é sempre uma criação de gênio. O gênio se expressa somente no campo estético, de tal forma que, o gênio artístico revela o artista misterioso que atua no universo⁴.

A arte se reflete na filosofia e é seu reflexo mais objetivo, mais perfeito. Portanto, deve percorrer todas as potências que a filosofia percorre no ideal, tal é o caminho necessário para a arte enquanto ciência. Tendo em vista que a verdade é alcançada pela filosofia e a beleza por meio da arte, portanto, verdade e beleza são formas diferentes do Absoluto. Como nascem coisas belas do belo Absoluto? O Absoluto é um, mas um intuído absolutamente das formas particulares. Toda obra de arte é produzida por um gênio (*genius*), o gênio divino que habita no ser humano: pura liberdade⁵.

A ligação da natureza e do espírito presente no ser humano pode ser apreendida pela intuição intelectual, pois a natureza é espírito visível e o espírito a natureza invisível. A intuição intelectual resgata na constatação da autoconsciência o movimento progressivo dialético do infinito e do finito. Mas por meio da intuição intelectual a expressão do absoluto, ou do infinito no finito, aparece somente como teórico/especulativo. A natureza revela uma

⁴ “Qualquer um reconhece que opostos se vinculam no conceito de uma filosofia da arte. A arte é real, objetivo; a filosofia, o ideal, subjetivo. De antemão já se poderia, portanto, determinar a tarefa da filosofia da arte assim: *expor no ideal o real que existe na arte*. Mas a questão é precisamente o que significa *expor um real no ideal* [...]. – Uma que exposição no ideal em geral = construir, e uma vez também que filosofia a filosofia da arte deve ser = construção da arte, esta investigação terá ao mesmo tempo necessariamente de penetrar mais fundo na essência da construção” (SCHELLING, 2001, p. 27).

⁵ “En éste, y no en otro sentido, podemos decir que el arte helénico, en sus más altas creaciones, se ha elevado a la ausencia de caracteres. Pero no se elevó hasta ella inmediatamente; sólo después de haberse liberado de los lazos de la naturaleza llegó a la divina libertad. De un grano sembrado al azar no podía surgir esta planta heroica, sino de un germen profundamente enterrado en la tierra. Sólo los poderosos movimientos del alma, sólo los profundos estremecimientos de la fantasía, bajo el impulso de la naturaleza que todo lo vivifica, que en todas partes actúa, pueden dar al arte el sello de este poder irresistible con el cual, desde la rígida y hermética seriedad de las creaciones de una época más temprana, hasta las obras de una gracia sensible superabundante, da a luz, con genio inagotable y permaneciendo siempre fiel a la verdad, la más alta realidad que haya sido dada a contemplar a los mortales” (SCHELLING, 1963, p. 50).

atividade livre do espírito, portanto, a intuição deve ser a mesma tarefa livre que desvela o espírito absoluto.

A arte ou a reflexão estética, tão difundida pelos românticos, em Schelling, aparece como manifestação de unidade sistemática subjetivo no objetivo. Schelling defende que a passagem para a concepção estética é uma conformação de subjetividade e objetividade. A intuição estética é a força criadora progressiva à contemplação e construção estética/artística. Tal concepção que fará possível a integração sistemática das esferas pura (espírito) e prática (sujeito) em um desenvolvimento objetivo. A intuição estética conforma a dicotomia entre homem e natureza, bem como o universal e o particular, o finito e o infinito⁶.

Quem produz imediatamente a obra de arte, isto é, o singular real, por meio do qual o Absoluto é objetivado no próprio real é o “*conceito eterno de ser humano em Deus, conceito que é um com a própria alma e vinculado com ela*” (SCHELLING, 2001, p. 118). Segundo Schelling o absoluto é segundo sua natureza um produzir eterno e tal produzir é sua própria essência que, por sua vez, é um afirmar ou conhecer absoluto. Por meio do conceito eterno de ser humano o Absoluto se torna objetivo no fenômeno, pois no Absoluto, forma e matéria são um, uma vez que seu produzir é um produzir a si mesmo, porém “ele não pode se *manifestar* senão quando cada uma dessas unidades, como unidade *particular*, se torna símbolo dele” (SCHELLING, 2001, p. 137).

Logo, o Absoluto se refere ao sujeito produtor mediante o conceito eterno que dele existe no próprio Absoluto. Tal conceito eterno é o em-si da alma que “se decompõe, no *fenômeno*, em poesia e arte e nas oposições restantes, ou melhor, ele é o ponto de identidade absoluto dessas oposições, que só são tais por reflexão” (SCHELLING, 2001, p. 136). Isto se dá pelo fato de a oposição, assim dita pelo autor, somente existir na formação-em-um do particular, isto é, no gênio criativo do artista e nunca na obra de arte como tal “nela somente o Absoluto deve se tornar objetivo” (SCHELLING, 2001, p. 136). Por meio do gênio a intuição absoluta se revela como um sol que ilumina as densas nuvens negras que compõem a realidade da natureza.

Desta forma a arte é a potência mais elevada da realidade na qual a forma da unidade do ideal com o real é realizada. Tal realização se dá por três potências distintas que unem o real e o ideal ou o finito ao infinito, isto é, na arte a unidade real-ideal se dá por reflexão,

⁶ “As mesmas formações-em-um do universal e do particular, que, consideradas em si mesmas, são Ideias, isto é, imagens do divino, são, consideradas realmente, deuses. Pois a essência, o em-si delas = Deus. São Ideias somente se são Deus em forma particular. Cada Ideia é portanto = Deus, mas um deus particular” (SCHELLING, 2001, p. 53-54).

subsunção (compreensão) e razão. Seguindo tais potencia a filosofia da arte é a construção do universo na forma da arte.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. 3. ed. Lisboa: Presença, 1983. v.9. Coleção em 14v.

BORGES FILHO, João Nascimento. **O idealismo pós-kantiano**. 200---. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/borges>>.

FICHTE, J. H. **A doutrina da ciência de 1794 e outros escritos**. 3. ed. São Paulo: Nova cultural, 1988. (Os pensadores).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 6. ed. Petrópolis RJ: Vozes. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. v. 1.

HARTMANN, Nicolai. **La filosofía del idealismo alemán: Fichte, Schelling y los románticos**. Buenos Aires: Sudamericana, 1960. v.1.

HEGEL. **A fenomenologia do espírito**. 8. ed. Petrópolis Rj: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

KLEIN, Joel Thiago. Kant e a primeira recensão a Herder: comentário, tradução e notas. **Studia Kantiana**, Florianópolis, v. 13. 2012.

PEREIRA, Caio Heleno da Costa. **A forma e o princípio da filosofia: tradução e comentário de dois escritos do jovem Schelling**. Curitiba: Versão digital, 2013.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia moderna: da revolução científica a Hegel**. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1999.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SHELLING, F. W. **A essência da liberdade humana: investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana e das questões conexas**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. 178 p. (Os pensadores).

_____. **Filosofia da arte**. São Paulo: EDUSP, 2001.

_____. **La relacion de las artes figurativas con la naturaleza**. Buenos Aires: Aguilar Edditor, 1963.